

# DISCURSOS ANTIFEMINISTAS NO INSTAGRAM DE PESSOAS ELEITAS EM SANTA CATARINA<sup>112</sup>

ANA CAROLINA ANDRADE DE CAMARGO

CRISTINA SCHEIBE WOLFF

## Introdução

O mundo não é mais o mesmo. O atual cenário da popularização das tecnologias digitais comunicacionais, principalmente as redes sociais, traz mudanças sem precedentes nas interações sociais, uma vez que vivemos uma era em que as atividades econômicas, políticas e sociais passam a se estruturar através da internet, e são medidas pelas curtidas, visualizações ou *tweets*. (FURLANI, 2021, p. 34). Novas questões, novos métodos, novas interações. Os atores sociais mudam e são modificados por esta lógica, atuando em diferentes esferas ao mesmo tempo – muitas vezes convergindo o on-line e o off-line –, agindo em um ambiente midiático (FÁTIMA; MIRANDA, 2022) e constantemente controlado e observado.

O meio digital atinge o cerne das questões sociais, alterando as pré-existentes e criando questões que impactam a experiência humana de alguma forma. Esse impacto chega até o campo dos movimentos sociais, desde a sua caracterização até mesmo na formulação das diferentes estratégias de atuação que precisam se adaptar ao seu novo “público”. Mais do que um entretenimento, as redes vão cada vez mais sendo apropriadas como um espaço de luta: o engajamento se torna sua arma e fomenta a divulgação dos ideais, sendo a divulgação facilitada e ampliada (LANGNER; ZULIANI; MENDONÇA, 2015). Este é o fenômeno do *ciberativismo* ou ativismo digital, que também tem sido utilizado pelos movimentos feministas, LGBTQIA+, negros, indígenas, bem como por sindicatos, partidos e associações.

Com o ambiente on-line tornando-se cada vez mais presente e se mesclando com o off-line, gerando uma “cultura de convergência” (URUPÁ apud FURLANI, 2021), os conflitos sociais antes existentes agora tomam uma nova dimensão, propiciando o surgimento e a disseminação de discursos de ódio sob novas formas (BUTLER, 2021). No caso da agenda antifeminista, eles surgem como forma de oposição ao feminismo – que cada vez mais conquista seu espaço nas redes, paradoxalmente crescendo em conjunção. Esse grupo atua com uma estratégia deslegitimadora e depreciativa que vulgariza o movimento feminista e suas agentes. Os argumentos são constantemente sustentados a partir de distorções da realidade e das pautas feministas que, por muitas vezes, estão atrelados a discursos religiosos e fundamentalistas que ironizam utilizando a zombaria como forma de ação.

Segundo Iara Beleli (2022), o momento atual de intensificação da polarização política e aliada ao contexto de novas tecnologias comunicacionais revela o aumento dos discursos de ódio

112 O presente estudo faz parte do Projeto “Internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero”, realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

no Brasil, principalmente contra grupos que partem em defesa dos Direitos Humanos (p. 3), como o movimento feminista. Para Liriam Sponholz (2020), esses discursos têm relação principalmente com as mídias digitais ou as redes sociais, que, por muitas vezes, são o palco para que esse tipo de discurso se propague, provocando polêmicas que servem de gancho para as interações entre os usuários.

Em março de 2023, uma Deputada Estadual de Santa Catarina fez uma publicação em seu Instagram para divulgar sua nova oficina, denominada “10 Mentiras feministas”, onde o objetivo é ensinar aos assinantes como refutar o que a deputada considera “mentiras feministas mais disseminadas”<sup>113</sup>. Na foto da publicação são utilizadas diversas mulheres caricatas, com expressões de raiva ou ódio, acompanhada de uma música que diz “mimimi”:



Figura 1: Captura de tela de publicação realizada pela Deputada Estadual de SC no Instagram.

Fonte: Reprodução do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqMGtzHgvAc/>. Acessado em 05/10/2023.

A legenda da foto ironiza o movimento, dizendo que o som escutado é “o uivo ancestral de desespero emitido por feministas [...] Se elxs já estavam se esgoelando, agora vão começar a urrar.” Segundo Sponholz (2020), um discurso de ódio é uma comunicação pública que “degrada simbolicamente grupos considerados historicamente oprimidos ou sistematicamente discriminados” (p. 221). Aqui, a deputada utiliza ironicamente pronomes neutros a fim de ridicularizar a prática, utilizando da zombaria como método de ação, coincidindo com a clara referência às reivindicações feministas como “mimimi”, ou seja, invalidando-as. Estratégias como essa aparecem cada vez mais nas principais plataformas, principalmente com o objetivo claro de deslegitimar conquistas feministas e as próprias mulheres feministas a partir de zombarias e falácias.

Além dessa deputada em específico, analisaremos neste artigo as publicações de outras duas figuras políticas públicas do estado de Santa Catarina, a fim de demonstrar os discursos antifeministas empregados por personalidades políticas catarinenses, que atendem a uma lógica de confor-

113 Site da oficina “10 Mentiras Feministas”, da deputada: <https://anacampagnolo.com/oficina1/>. Acessado em 05/10/2023.

mação da chamada “nova” direita no Brasil. O que essas publicações dizem? O que sugerem? Quais emoções ou afetos tentam desencadear no público a fim de comover sua opinião?

Tudo isso será analisado, principalmente, no contexto de ascensão das mídias digitais e das redes sociais como um novo padrão de comunicação, sendo o local escolhido por esses agentes para empregar uma tentativa de deslegitimação do movimento feminista através de estereótipos negativos e distorções das reivindicações, transformando até mesmo o termo “feminista” em uma categoria de acusação (BELELI, 2022, p. 4). Mas é importante deixar claro também que estas figuras públicas não atuam somente nas redes sociais. Ele e elas estão no plenário da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, e na Câmara Federal, se contrapondo a projetos de leis progressistas, propondo projetos que limitam direitos para mulheres, pessoas LGBTQIA+, bem como apoiando as políticas neoliberais nas pautas econômicas, defendendo a liberalização no porte de armas, entre outras diretivas políticas ligadas ao movimento conservador ao qual se filiam.

## **Análise do discurso antifeminista através de publicações no Instagram**

Ao transitar pelo Instagram de figuras políticas que se autodenominam antifeministas ou que reiteram essa agenda, é possível perceber a presença de nichos temáticos de atuação. Em sua maioria, são temáticas de luta do movimento feminista que passam por um profundo processo de distorção ou simples deslegitimação. Desde a legalização do aborto, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a desigualdade salarial, os malefícios da masculinidade tóxica, todos esses são temas tratados pelo movimento que são revisitados pela agenda antifeminista, que defendem que se trata de mentiras feministas. É claro, em uma sociedade democrática todos os indivíduos devem ter sua liberdade de expressão e o direito de escolha, porém, o limite entre a opinião e a deslegitimação aqui é muitas vezes ultrapassado pelo uso de dados e notícias falsas, ou mesmo premissas falsas.

O primeiro perfil analisado, além de ser de uma Deputada Estadual, também é o de uma mulher formada em história pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHA-PECÓ), tendo atuado no ensino básico desde 2010. Filiada ao PL – SC e eleita em 2018, se autodenomina “antifeminista, conservadora, cristã e de direita”<sup>114</sup> e é conhecida pela proximidade com o pensamento olavista<sup>115</sup> e com o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Com a divulgação de seu curso “10 Mentiras Feministas”, a deputada lançou uma série de vídeos com temáticas feministas a serem rebatidas: mercado de trabalho feminino, maternidade, e vida doméstica, trazendo argumentos para incentivar a abdicação do feminismo, propagando uma ideia deturpada do movimento (SILVA e GOMES, 2022, p. 8).

114 Para saber mais, acesse: <https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-e-ana-caroline-campagnolo-a-deputada-que-quer-a-denuncia-de-professores-doutrinadores/>. Acessado em 05/10/2023.

115 Pensamento engajado através das ideias de Olavo de Carvalho.



Figura 2: Captura de tela de publicação realizada pela Deputada Estadual de SC no Instagram.

Fonte: Reprodução do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsR9W3oJX4q/>. Acessado em 05/10/2023.

A deputada faz questionamentos acerca da condição das mulheres: “estão infelizes? estão felizes? E as mulheres que você conhece que são feministas, como elas se parecem?”. Segundo ela, desde o surgimento do feminismo os índices de felicidade das mulheres estão piores em relação aos homens: com o crescimento da inserção de mulheres no mercado de trabalho, a lista de obrigações para as mulheres cada vez mais aumenta e a dos homens diminui.

Tudo isso pra quê? Tudo isso para nos mostrar que as promessas de independência e libertação das feministas não passaram de mentiras. E essa não é a única ilusão que elas ajudaram a criar raízes em nossas mentes [...]. (2023, 2:10min).

Além disso, continua na legenda da publicação: “As teóricas feministas diziam que com a inserção no mercado de trabalho as mulheres se tornariam “empoderadas”. Mas que espécie de empoderamento é esse que causa o aumento da infelicidade?”. É interessante notar que esse é um argumento mobilizado pelo chamado “pós-feminismo” que argumenta que as mulheres já teriam conquistado as principais questões, e que o feminismo seria assim superado (Ana G. MACEDO, 2006), mas neste caso não é apenas pós, mas antifeminismo, cujo objetivo é, muitas vezes, reverter conquistas do movimento.

É possível perceber uma estratégia aqui empregada, uma vez que a deputada não apenas fala aquilo que vem à mente: constantemente faz menção a estudos e dados estatísticos para “embasar” seus argumentos e apontar a suposta incongruência na concepção feminista. Ora, é importante ter em mente que os discursos de ódio não estão necessariamente opostos à racionalidade, uma vez que podem estar imbuídos de estratégias – neste caso deslegitimadoras –, com processos sofisticados de argumentação (SPONHOLZ, 2020, p. 224) a fim de atingir um propósito específico.

O que não é considerado – ou é omitido propositalmente – é que o feminismo justamente reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes, sendo a experiência masculina pri-

vilegiada ao longo da história e a feminina, negligenciada (CRUZ e DIAS, 2015, p. 36). Segundo Furlani (2021), Margaret Power e Paola Bacchetta apontam em seus escritos, o quanto a ascensão de mulheres de direita conquistando seu espaço através da propagação de ideais direitistas demonstra certa contradição, já que seus discursos pregam o retorno aos valores tradicionais, ao passo que ocupam espaços que por muito tempo eram masculinos – espaços esses que foram conquistados por feministas, revelando um caráter paradoxal.

Em outra publicação realizada no Instagram da deputada, o tema é parecido, mas, dessa vez, o argumento é que “Segundo muitas feministas, ser mãe é a raiz de todos os problemas das mulheres”<sup>116</sup>. A estratégia é a mesma: utilização de dados estatísticos e pesquisas científicas para distorcer a realidade das pautas feministas, promovendo reformulações acerca do passado que é revisitado para negar as conquistas realizadas pelo movimento. A deputada inclusive cita grandes autoras e ativistas como Gloria Steinem, Simone de Beauvoir e Betty Friedan ao falar de maternidade e o pensamento “antidoméstico” que impulsionou a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Se Betty Friedan estivesse certa, as mulheres passariam a ser muito felizes e psicologicamente mais saudáveis quando tivessem menos filhos e se tornassem trabalhadoras profissionais. Mas não foi isso que aconteceu na prática. [...] O índice de mulheres infelizes está aumentando. (2023).

A tentativa é clara: contra-atacar as ideias que não se adaptam ao ideal e aos valores “inatos” da mulher (RAMOS, 2021, p. 9), como a maternidade e o serviço doméstico. O feminismo, para ela, atua como um potencial aniquilador de valores tradicionais como a família.



Figura 3: Captura de tela de publicação realizada pela Deputada Estadual de SC no Instagram

Fonte: Reprodução do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsMQWfGpbUL/>. Acessado em 05/10/2023.

<sup>116</sup> Publicação disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CsMQWfGpbUL/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acessado em 05/10/2023.



A compreensão aqui, seguindo a interpretação de Rosana Pinheiro-Machado (apud FURLANI, 2021, p. 37) é de que o feminismo é contrário àquilo que é feminino, sendo o antifeminismo uma espécie de obsessão desnorteadora que vê o movimento feminista como uma ameaça à família tradicional.

Além dessa ameaça, vale ressaltar como a denominação “feminista” se torna uma espécie de categoria de acusação (BELELI, 2022), ocorrida, por exemplo, na publicação do dia 14 de abril de 2023, ainda da deputada<sup>117</sup>. No vídeo de quinze minutos, além de dizer “feminista quando fala, pode se preparar que é uma mentira atrás da outra.”, propõe denominar a bancada feminina da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC) de “bancada feminista”, em tom acusatório e desqualificador (2023, 14:58 min). Para a deputada, ser feminista é motivo de vergonha e serve até mesmo de uma espécie de xingamento, transformando a posição em uma desqualificação pessoal atravessada de uma moralidade avessa, disseminando ideias odiosas. Além desse discurso mais formal, não é difícil ver denominações um pouco mais repulsivas como “feminazi” ao circular pelas redes e pelos comentários que cercam essas postagens aqui analisadas.

Ainda como potencial aniquilador da família, o feminismo é descrito como aniquilador da maternidade e da felicidade por ela gerada. Numa publicação de 20 de julho de 2023, outra Deputada Federal analisada por nós – eleita em 2022 – declara: “Se você NÃO é feminista leia o texto”.



Figura 4: Captura de tela de publicação realizada pela Deputada Federal no Instagram

Fonte: Reprodução do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cu8VHGyt2r8/?igshid=MTC4MmM1Yml2Ng%3D%3D>. Acesso em 05/10/2023.

117 Publicação disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrCMYyJEOb/>. Acessado em: 05/10/2023.

Na legenda do vídeo, a deputada discorre acerca das diferenças de escolhas entre homens e mulheres e relata uma experiência pessoal:

Na vida pública, por exemplo, estou sempre dividida entre gastar mais tempo com minha família ou me dividir entre os afazeres de estudar projetos de lei, organizar meu gabinete, estar presente em agendas pelo meu amado estado de Santa Catarina encontrando amigos e apoiadores que lutaram pelo nosso mandato. (2023).

Segundo ela, a “agenda feminista tem incentivado meninas a não serem mães e a pensarem que a maternidade é um fardo”, o que claramente é uma distorção do argumento feminista a fim de gerar um sentimento de repulsa ao movimento pelo público que a segue que, em sua maioria, é conservador. Como é dito por Ahmed, as feministas são colocadas numa posição de estraga-prazeres da felicidade que pode ser encontrada nos valores tradicionais e ocidentais de família. “Dispor-se a ir contra uma ordem social, que é protegida como uma ordem moral, uma ordem de felicidade, é dispor-se a causar infelicidade, mesmo se infelicidade não for a sua causa” (AHMED, 2022, p. 87). Porém, Sara Ahmed defende a necessidade de ser esta estraga-prazeres como uma estratégia de ação feminista para a conquista de direitos, enquanto as antifeministas utilizam o termo para desqualificar o discurso feminista que vai contra piadas sexistas, estereótipos e mesmo contra os privilégios acumulados pelos homens.

Ainda falando sobre os valores que são “naturalmente” atribuídos às mulheres desde o seu nascimento, a quebra com a feminilidade também é vista como uma subversão dos valores por antifeministas. Sobre isso podemos ver a publicação do dia 26 de fevereiro de 2023 de um Deputado Estadual de Santa Catarina eleito em 2018 que se autointitula conservador:



Figura 5: Captura de tela de publicação realizada pelo Deputado Estadual de SC no Instagram.

Fonte: Reprodução do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpI2JFRDFET/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>. Acessado em 05/10/2023.

Para o deputado, o feminismo teve o papel de vulgarizar e desvalorizar a mulher, uma vez que, segundo ele, “O feminismo destrói tudo aquilo que significa ser feminina”. O empoderamento feminino defendido pela pauta feminista, que muitas vezes está ligado à luta pela participação social e pelos direitos, é entendido às avessas: como uma estratégia de perversão e subversão<sup>118</sup>. Para ele, “essa ideologia maldita”, acaba com o bem mais precioso de uma mulher: a feminilidade; e ainda alerta: “Não seja feminista, seja feminina!”.

É interessante pensar que diferentemente dos discursos anteriormente mencionados que foram proferidos por mulheres, o tom do deputado é muito mais veemente: a utilização de palavras como “ideologia maldita” ou a alusão a uma usurpação da feminilidade explora uma dimensão muito mais odiosa do discurso. Para filósofas como Judith Butler (2021) isso não é uma novidade, já que a intolerância que é demonstrada nessas ações é o primeiro passo para a prática reiterada das violências simbólicas, argumentando contra a criação de políticas de proteção de direitos de grupos minoritários ou discriminados.

Esse discurso tem um caráter mais explicitamente emocional, apelando para preconceitos e imagens que são fortes na sociedade: sem nenhum escrúpulo ou dados científicos – como visto na estratégia da primeira deputada –, a tentativa é de incitar o ódio, o nojo, a raiva e, principalmente, deslegitimar todas as mulheres lutadoras da causa feminista. A tentativa do deputado é de trazer essas emoções para o campo político, gerando dividendos para ele em uma plataforma conservadora. Ao opor o feminismo a valores tradicionais como a família, a maternidade ou mesmo aquilo que ele considera como feminino, o deputado visa reforçar sua posição conservadora e familista.

## **A estratégia antifeminista e a ascensão da nova direita**

Todas as análises de discursos antifeministas – em sua maior parte, discursos de ódio ou odiosos – supracitadas nos levam a um questionamento: ora, qual o enquadramento dessas disputas nas redes e mídias sociais na ascensão da “nova” extrema direita no Brasil?

Um discurso de ódio pode ser definido como uma degradação pública a um certo grupo específico, sendo, para Liriam Sponholz, uma forma consciente de gerar certa iniquidade entre esses diferentes grupos com diferentes opiniões. No caso dos discursos de ódio antifeministas, estes, fazem parte de uma agenda política que está aliada a diferentes pautas como o anticomunismo, antipetismo, autoritarismo, moralidade e até mesmo negacionismo, pautas que são constantemente alinhadas com a chamada “nova direita”. Eles têm, dessa forma, o objetivo específico de discriminar pensamentos e movimentos contrários àqueles que são considerados de direita. O que acontece, portanto, é um prejuízo para a relação entre grupos na sociedade e a ameaça severa ao exercício da cidadania (SPONHOLZ, 2020).

Esses discursos sempre ocorrem na esfera pública, mas, no caso das publicações feitas em redes sociais como o Instagram, a dimensão é outra. Na era digital, essas ditas plataformas digitais tomam um espaço importante nas mídias, sendo responsáveis pela disseminação ou não dos conteúdos nelas gerados através de algoritmos de distribuição. Dessa maneira, a forma como os

118 Aqui fazemos alusão ao título de um dos livros da primeira deputada estudada: “Feminismo: Perversão e Subversão”, que relaciona o movimento feminista com uma ameaça ao patriarcado ocidental que “sustenta” a sociedade. A perversão se relaciona com a corrupção a valores ocidentais e a subversão, à cultura - também ocidental.



usuários interagem com o conteúdo importa mais do que o próprio conteúdo, sendo detectado pelo algoritmo os assuntos e o grau de interesse desses usuários. Alguns estudos têm mostrado também os vieses nos algoritmos, que acabam favorecendo os discursos conservadores.

Em todas as publicações que aqui foram mostradas, havia um abismo entre as pessoas que interagiram em cada uma. De um lado, apoiadores de cada um daqueles deputados que fizeram as publicações e, de outro, pessoas totalmente contra tais posicionamentos, defendendo as suas próprias ideias nos comentários. Nas redes sociais, esses discursos são muito utilizados com esta exata finalidade: o engajamento – curtidas, compartilhamentos, comentários, republicações, etc. Neste caso, eles se convertem em um “gancho para a interação” (SPONHOLZ, 2020, p. 231).

Ainda segundo Sponholz, esses discursos plataformizados são um tipo específico de discriminação simbólica, que estereotipa grupos e os humilha. É exatamente o que vemos com publicações como as que aqui foram analisadas. O movimento feminista é constantemente rechaçado, tratado como contraditório através das distorções e das falácias que são criadas, fazendo até com que suas agentes sejam tratadas de forma estereotipada e humilhadas através de ironizações e zombarias. Além de deslegitimar e discriminar um movimento que traz opiniões contrárias aos da direita brasileira, estas publicações são utilizadas como ganchos de interação, atraindo o público e gerando engajamento através de um movimento que cresce a cada dia nas mídias digitais.

Nos casos das deputadas e deputado citados, estes discursos antifeministas que se revestem como discursos de ódio, com caráter misógino e conservador, se constituem em estratégias eleitorais e de engajamento. No caso da primeira deputada, toda a sua campanha política se calcou em um processo que moveu contra uma professora, a Professora Marlene de Fáveri, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.<sup>119</sup> No processo em que acusou a professora de cristofobia e doutrinação feminista, apesar de não ter sido finalmente julgado procedente, a deputada adquiriu fama, e se colocou junto ao movimento Escola Sem Partido, e a todo o movimento antigênero, propondo que as crianças gravassem os professores em sala de aula para denunciar o uso de conceitos de gênero e outras formas daquilo que considera doutrinação. Os outros dois deputados analisados também juntam suas pautas armamentistas, conservadoras e familistas, como forma de se colocar ao lado de um grupo de pessoas ligados, seja ao catolicismo, seja a igrejas pentecostais, e, de qualquer forma, pessoas que se identificam com os valores considerados conservadores.

A denúncia que fazem ao feminismo como uma “mentira”, evocando valores românticos de uma família burguesa em que a mãe fica com os filhos, se possível inclusive com o *homeschooling* (que é um projeto que tentam passar nas respectivas casas legislativas), acaba servindo como uma importante bandeira nas suas pautas políticas. Mas essas pautas não se resumem a isso, e seu conservadorismo se junta a um neoliberalismo econômico para sustentar os interesses políticos das elites financeiras brasileiras e internacionais. Com o feminismo, eles denunciam o comunismo, os grupos LGBTQIA+, as religiões de matriz africana, as universidades públicas e tudo o que consideram que vai de encontro aos valores tradicionais. A pergunta que fica é, a quem interessa a manutenção, a conservação, dos valores e papéis sociais tradicionais?

119 Para ler mais sobre o assunto, acesse: <https://caterinas.info/nao-posso-orientar-quem-nao-acredita-naquilo-que-estuda-afirma-marlene-de-faveri/>. Acessado em 05/10/2023.

## Referências

- AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu, 2022.
- BELELI, Iara. Antifeminismos: los efectos de los discursos de odio. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro, n. 38, pp. e22311, 2023.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.
- COSTA FRANÇA, Matheus; GUEDES VIEIRA, Marcia; LÚCIA FIGUEIRÓ, Ana. *Vozes antifeministas nas redes sociais – uma análise de conteúdo*. Brasília, 2018. 34. Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa.
- CRUZ, Maria Helena Santana; DIAS, Alfrancio Ferreira. Antifeminismo. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 1, pp. 33-42, 2015.
- DI FÁTIMA, B.; MIRANDA, S. Discurso de odio, fake news y redes sociales: una breve introducción. *Razón y Palabra*, Ecuador, v. 26, n. 113, pp. 12–16, 2022.
- FURLANI, Danielle Fernandes Rodrigues. *Vozes antifeministas no Brasil: mulheres reagindo ao feminismo*. Niterói, 2021. 72p. TCC (Graduação) – Curso de Ciências Sociais. Instituto de Ciências e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- LANGNER, A.; ZULIANI, C. S. ; MENDONÇA, F. O Movimento Feminista e o Ativismo Digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas on-line. *III congresso internacional de direito e contemporaneidade: mídias e direitos na sociedade em rede e v congresso iberoamericano de investigadores e docentes de direito e informática*, Santa Maria, pp. 1- 14, 2015.
- MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis [on-line], v. 14, n. 3, pp. 813-817, 2006.
- RAMOS, Larissa Aparecida. Entre a negação e a conspiração: o antifeminismo no Brasil contemporâneo. *Revista Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 12, n. 2, pp. 1-30, 6 mar. 2023.
- SILVA, Mayara Paula Atanásio Soares Da; GOMES, Girlaine Pergentino. Movimentos antifeministas e desinformação: uma análise dos discursos promovidos no Instagram. *REBECIN*, São Paulo, v. 9, número especial, pp. 1-13, 2022
- SPONHOLZ, L. O PAPEL DOS DISCURSOS DE ÓDIO (ONLINE) NA ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA: um aporte teórico. *Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, Niterói, v. 22, n. 3, pp. 220-243, dez. 2020.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero, emoções e afetos na política. In: WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. pp. 229-242.